



PROJETO
DOM HELDER
CÂMARA

FICHA TÉCNICA

EXPERIÊNCIAS EM CAMPO

TERRITÓRIO: MONTEIRÓPOLIS (AL)



PROJETO
MONITORA



Ficha técnica experiências em campo: território Monteirópolis (AL)

Projeto Dom Helder Câmara (PDHC II)

Realização:

Coordenação Geral de Inclusão Produtiva
Departamento de Estruturação Produtiva
Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Organização:

Termo de Execução Descentralizada nº 07/2017
Centro de Gestão e Inovação para a agricultura Familiar (CEGAFI)
www.cegafi.com

Comunicação visual:

Agência Cajú

Financiamento:

Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA)

FICHA CATALOGRÁFICA

P964f Projeto Monitora.

Ficha técnica experiências em campo: território Monteirópolis (AL) / Projeto Monitora. – Brasília: edição própria, 2022.

8 p. : il. color.

Inclui Código QR, figuras, fotos e tabelas.

1. Agricultura familiar. 2. Assistência técnica rural. 3. Extensão rural. 4. Agricultura sustentável. 5. Pequenos produtores. 6. Desenvolvimento local. I. Título.

CDU 631.115.11

Sara Alencar Magalhães – Bibliotecária – CRB 3367

AGOSTO DE 2022

TERRITÓRIO: MONTEIRÓPOLIS (AL)



O contexto da experiência

A comunidade de Farias do Meio, no município de Monteirópolis, Alagoas, abriga algumas dezenas de agricultores familiares, que, pela primeira vez em suas vidas, obtiveram assessoria técnica da Emater de Alagoas, graças ao Projeto Dom Helder Câmara. No Censo Agropecuário de 2017, o IBGE identificou que o semiárido, região de moradia de quase 40% dos agricultores familiares do Brasil, possui a triste marca de 92% de agricultores sem assistência técnica.

Tabela 1 | Agricultores (familiares ou não) e assistência técnica no Brasil e no semiárido

	TOTAL DE AGRICULTORES			AGRICULTURA FAMILIAR		
	TOTAL	RECEBE	NÃO RECEBE	TOTAL	RECEBE	NÃO RECEBE
BRASIL	5073324	1025443 (20%)	4047881 (80%)	3897408	708318 (18%)	3189090 (82%)
SEMIÁRIDO	1835535	164473 (9%)	1671062 (91%)	1446842	119083 (9%)	1327759 (92%)

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2017. Consulta realizada em maio de 2022.

O pequeno município, com 6.935 habitantes, dos quais 94% são agricultores familiares, está entre os 5% com pior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) no Brasil. Dos agricultores familiares, 57% não possuem nenhum grau de escolaridade e 77% são homens.



ACESSE
AO VÍDEO
CLICANDO
AQUI OU LEIA
O QR CODE AO
LADO

PALAVRAS-CHAVE

Fomento, segurança alimentar, comercialização, mercados, assessoria técnica, inclusão produtiva

CÍCERO E DJANIRA: FOMENTO PRODUTIVO PARA A ALIMENTAÇÃO DA FAMÍLIA



Dona Djanira, a anfitriã, é uma mulher de olhos verdes que contrastam com a paisagem árida e seca do território. Em sua unidade produtiva, distribuída em duas pequenas casas, vivem oito pessoas, entre filhas e filhos, netos, nora e o marido, o Senhor Cícero, de 51 anos. “São doze filhos”, conta a agricultora. Entre os mais velhos, alguns migraram para São Paulo; outros, para Santa Catarina.

“Aqui é uma tarefa e meia”, conta Cícero (em Alagoas, uma tarefa corresponde a 3.025 m²), tamanho que representa menos de meio hectare.

A chegada da Emater com o Projeto Dom Helder Câmara (PDHC) levou também o fomento produtivo rural para a família. Com esse apoio e a orientação técnica da Emater, a família nos recebeu para contar sua história.

No município, 50% dos agricultores familiares atendidos pela Emater receberam o fomento produtivo e tiveram assessoria para todos os processos, desde a documentação pessoal, a DAP, a organização da UFPA e o próprio projeto produtivo.

Alguns conseguem vender até para o PAA (atualmente PAB; 11 famílias foram contempladas e forneceram alimentos para o programa) produtos como bolos, hortaliças e verduras. A gente conseguiu aumentar a cota de participação no PAA estadual e vamos começar a ampliar o número de agricultores. *“Ainda não conseguimos vender para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). É tudo muito burocrático”*, afirma Dacy, técnico da Emater-AL.

O objetivo do projeto produtivo, elaborado em conjunto pela assessoria técnica e pelo casal de agricultores, foi garantir segurança alimentar, assegurar renda e contribuir na melhora das condições de vida da família por meio da criação de suínos.

No PDHC, os projetos produtivos foram, em grande medida, desenhados como estratégias de segurança alimentar e produção de excedentes para a comercialização e a geração de renda. Eles são destinados à construção de infraestruturas produtivas - como galinheiros e pocilga - e à aquisição de matrizes de ovinos, caprinos e até bovinos.



Eles projetaram uma instalação de 9 m², mas Cícero nos conta com alegria que construiu um galpão de tamanho quatro vezes maior e segue na criação de suínos e gado para consumo doméstico. *“Se sobrar alguma coisa, a gente vende para fora. O dinheiro que chegou do projeto a gente fez a pocilga, fizemos seis chiqueiros e uma fossa para manter tudo limpinho... As matrizes eu já tinha aqui, precisava das instalações.”*

O agricultor detalha a importância da assessoria técnica na propriedade. *“Com o dinheiro dos porcos,*

a gente vive, tem um varrão e cinco matrizes. Os porquinhos a gente vende tudo aqui na comunidade mesmo. Com os porcos, dá pra criar a família toda. Mas todos me ajudam, essa menina (filha) e esse menino (neto) sempre vão lá cuidar dos porquinhos juntos."

Com o projeto produtivo e o fomento, a família consegue manter os suínos e as poucas cabeças de gado que mantém. "A palma forrageira a gente mistura com a ração do gado. Já para os porcos, não pode dar palma", ressalta Cícero. Os animais e algumas vendas facilitadas pelo PDHC asseguram segurança alimentar para a família de Cícero.

Dona Djanira nos conta que a chuva é sinônimo de esperança no semiárido. "Água já tem canalizada e vem do açude, então a gente usa primeiro essa água e depois, se falta, aí pegamos na barraginha que tem ali no quintal. Quando chove eu fico ali querendo pegar as águas pra botar nos cantos, queria era ter uma cisterna de cimento para pegar. Perde muita água quando chove, mas é assim mesmo, esperar por Deus! Eu tenho esperança de fazer uma cisterna para guardar água."

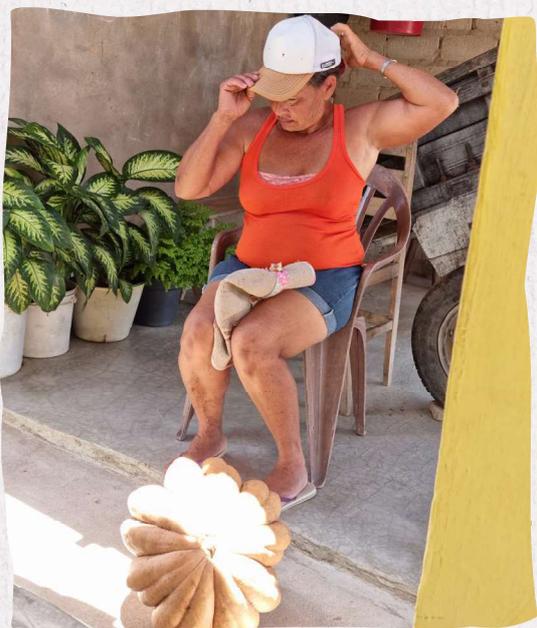


ali querendo pegar as águas pra botar nos cantos, queria era ter uma cisterna de cimento para pegar. Perde muita água quando chove, mas é assim mesmo, esperar por Deus! Eu tenho esperança de fazer uma cisterna para guardar água."

Sobre o fomento e o projeto produtivo, Dona Djanira faz as contas: "Pago água, energia e ainda tem o plano de saúde, uma conta mensal. O dinheiro do Bolsa Família vai tudo nisso. Aí quando tem as porcas paridas, ajuda muito."

Estudo de avaliação de impacto do Projeto Dom Helder Câmara

"ANTES DO PROJETO, A SITUAÇÃO ERA RUIM, MAS DEPOIS MELHOROU MUITO. ELE (O TÉCNICO) VEM SEMPRE AQUI, QUANDO PENSO QUE NÃO, ELE CHEGA AQUI."



Apesar de todas as dificuldades, Dona Djanira diz que, com o PDHC, as coisas estão melhores para eles. "Tem até uma abóbora que separamos para vocês aqui", diz orgulhosa.

"A terra tem que deixar pros filhos. O mais novo vive aqui ainda comigo, enquanto ele não inventar de ir embora. Os filhos têm de tomar conta", diz Cícero com olhos focados no horizonte, enquanto se prepara para gravar a entrevista.

Eduarda, a filha do casal, é uma jovem que sonha em estudar e ser enfermeira, mas sabe das responsabilidades que a difícil vida impõe a ela:

"ACHO IMPORTANTE CUIDAR DOS BICHOS. MEUS PAIS FALAM QUE É BOM TRABALHAR PARA CONSEGUIR AS COISAS."



Apesar das dificuldades de estudo impostas pela pandemia, Eduarda sonha com uma profissão. *“Fiquei triste com a pandemia porque gosto muito da escola. Se eu tivesse oportunidade de fazer faculdade, escolheria enfermagem. Mas sei que não dá nem pra pagar o transporte e nem as aulas. Então penso em ser manicure. Vou ser a melhor que tem.”*

APRENDIZADOS

A experiência da família de Dona Djanira e Sr. Cícero, atendida pelo Emater Alagoas no âmbito do PDHC, mostra que a assistência técnica e o fomento produtivo rural foram importantes na geração de renda associada à comercialização dos produtos da suinocultura. A assistência técnica respondeu pela elaboração do projeto produtivo, pela organização da documentação da agricultora e pelo acompanhamento da implementação da infraestrutura prevista para a criação de suínos.

O casal garante a segurança alimentar da família e dos filhos que vivem próximos graças à comercialização de animais, o que assegura renda para comprar alimentos na pequena cidade.

A falta de estrutura de armazenamento de água ainda é um importante elemento na restrição da produção agrícola, mas a família acredita que o benefício chegará. A assistência técnica foi determinante no processo de inclusão da família nos mercados (mesmo que informais) de carnes e animais vivos, embora a sustentabilidade da atividade seja questionada pela dependência de insumos externos (rações) e pela alta demanda por água.

REFERÊNCIAS

REDE PENSSAN. **VIGISAN**: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Rio de Janeiro: Rede PENSSAN, 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

IBGE. Censo Agropecuário 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 abr. 2022.